

2 — DOCTRINA NACIONAL

VIOLÊNCIA E DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

CARLOS AURÉLIO MOTA DE SOUZA

Professor na UNESP — Campos de Franca — SP

Há uma interpretação muito grande no mundo atual entre as causas e os efeitos da violência na sociedade humana, mas neste estudo o que vamos reencontrar e reafirmar é o grande valor da pessoa humana, tão desprestigiada, atacada e oprimida nos dias de hoje.

A história da violência é a história da própria humanidade, pois sempre esteve ao lado do homem em todos seus momentos. Não há uma época em que se pudesse dizer que a humanidade teve paz, total, permanente. Na verdade há uma guerra, uma luta contínua de interesses, de oposições de sistemas políticos e econômicos, conquistas de poder, de fugas e opressões; enfim, poderíamos dizer hoje, como disse Sto. Agostinho no Século V, quando os vândalos invadiram a Itália, depois a Espanha e o norte da África: "Os tempos são maus, os tempos são ingratos."

Em todas as épocas os homens se lamentaram disto, a humanidade sempre experimentou a violência e a primeira, mais grave, foi a do fratricídio de Caim. Historicamente estamos sempre assistindo e experimentando atos e conflitos de violência, como também continuamos reclamando, pedindo providências, nos opondo à violência, sem muitas vezes identificar claramente quem é ou qual é sua fonte, onde está e de que violência se trata.

Um dos aspectos que é preciso abortar é a violência nos países em que vivemos, vamos dizer, América Latina, cujo contexto é diferente da América inglesa ou de outros continentes. É um problema

nosso, diríamos, domésticos. Então, falar de violência social, implicaria falar em violência na América Latina.

Enfim "de que violência se trata"?

Em sentido metafísico, violência, "vis", em latim, é força, oposição; seria violenta uma ação exterior contra uma inclinação espontânea de um ser ou de um movimento natural; ou, em sentido moral, que vai nos interessar mais, a violência é uma ação externa contra a vontade do homem.

É *absoluta a violência*, se o homem resistir até onde não puder mais, uma violência que coarctou todas as resistências da pessoa.

Mas se a pessoa não resiste, se não se opõe, se se omite, é uma *violência relativa*. Os que conhecemos esse tipo de opressão, também contribuimos para que a violência se espalhe pelo mundo, porque não nos opomos com a nossa vontade até os últimos limites, até as últimas consequências. Não nos opomos com suficiência dentro dos limites das nossas forças.

Então, a violência é uma opressão contra a natureza humana. É uma opressão contra um ente, uma criatura que se distingue das demais criaturas do Universo. O homem não é uma pedra, não é uma árvore, não é um objeto, mas também não é um animal, não é, por mais evoluído que seja, como o macaco, mas é uma natureza que pela sua própria origem e essência, difere de todas as demais.

Nos temos essa qualidade que nos distingue e esse já é o primeiro sentido da dignidade, é a distinção ou diferença em relação a todos os outros seres criados,

mesmo os mais evoluídos. Todos os homens fomos criados livres e iguais em dignidade e direitos. Não é citada evangélica ou de qualquer fonte de revelação. Estamos lembramos a Declaração Universal dos direitos Humanos, art. 1.º: "Todos somos dotados de razão e consciência e todos devemos agir uns em relação aos outros com espírito de fraternidade." Este é um dos primeiros atributos do ser humano e o que mais tem sido espezinhado.

De fato, somos dotados de alma racional. Todos temos a mesma natureza e a mesma origem. Isso nos coloca em situação de paridade. Não importa a raça, a origem, a fortaleza física, mental a situação econômica, a profissão, não importa. Veremos adiante palavras abalizadas sobre isso. O relevante é que todos temos uma característica comum, superior aos demais seres.

A diferenciação de uma pessoa para outra não as divide ou as separa de modo absoluto, mas ao contrário, as iguala, porque exatamente esta dignidade confere ao ser humano, por ser ímpar por ser único, a diferença de um para o outro. Não somos criaturas fabricadas em série, numeradas como fotogramas de um filme, antes somos únicas, indivisíveis, somos indivíduos, e como tal temos uma personalidade, uma racionalidade. E é isso que em conjunto conforma toda a dignidade da pessoa humana.

Portanto, as excessivas desigualdades que se atribuem às pessoas, que se estabelecem por uma série de causas, desigualdades econômicas, sociais, entre os homens ou mesmo entre os povos, constituem obstáculos para que se realize a justiça social, para que se alcance a igualdade, para que se atribua a cada indivíduo a sua dignidade pessoal, humana e mesmo entre as nações, dificulta a paz social e internacional.

Isso é afirmação até de documentos pontifícios. Se consultarmos os Documentos do Encontro de Bispos em Puebla — e agora os de São Domingos — todo

homem e toda mulher, por mais insignificantes que sejam, têm uma nobreza inviolável, que eles próprios e os demais devem respeitar e fazer respeitar incondicionalmente.

Toda vida humana merece, por si mesmo, em qualquer circunstância, a sua dignificação. Por isso que toda convivência humana deve se fundar no *bem comum*, que consiste na realização fraterna da dignidade do homem. Isso exige não instrumentalizar uns em favor dos outros, e que todos estejam dispostos a sacrificar até mesmo seus bens particulares em benefício de outros.

Pois bem, já referimos que a violência, em relação à pessoa humana, é uma opressão contra a natureza racional e livre do homem, que é um ser com sentido teleológico, com sentido final para a vida humana. Não como fim do homem em si mesmo, mas num sentido finalístico integral: o homem não só isolado como criatura humana, mas em relação com outros homens, em relação ao mundo, ao Universo e sobretudo em relação a um ente superior, fora da realidade humana e que vincula todos os homens entre si, através da mesma ordem de obrigações morais.

Então, essa opressão da violência contra o homem, nós começaríamos por analisá-la especialmente *em relação ao homem em si mesmo*.

Podemos dizer que essa opressão contra o homem tanto pode se externa, do exterior em relação a cada indivíduo como interna, dentro do próprio do indivíduo. Nós experimentamos uma opressão interna negativa e uma opressão interna positiva.

A *opressão seria negativa, dentro do homem*, quando ele próprio se opõe àqueles valores que nascem com ele, que fazem parte de sua dignidade como pessoa, como ser diferenciado. É quando o homem oprime suas próprias tendências para a *verdade objetiva*, para a *obrigação moral*. Diríamos, então, que

isso é uma violência interna ou autoviolência, em que o próprio indivíduo contraria sua natureza: quando tudo à sua volta diz que ele deve praticar o bem, ele se volta para a prática do mal.

Nestas condições, auto-primido, o homem se torna inquieto, infeliz interiormente e projeta a sua opressão para fora e nós vemos muitas vezes homens que sofrem, homens enraizados em sua dor, no sofrimento, na angústia, que acabam atingindo pessoas, entidades coletivas, a moralidade, privada e pública, e assim por diante.

Mas nós podemos encontrar também uma *violência interna positiva*. Quando Cristo louva os violentos e diz que os homens chegarão ao céu através da violência, quis significar o homem liberto das suas paixões, das suas inclinações para fazer o mal, praticar a maldade. Então, este libertar-se das paixões, que é um obstáculo para a auto-realização do homem, para atingir aquele fim último a que está determinado, essa violência é positiva e como tal ela se anula por si mesmo e deixa de ser violência. É violência apenas como opressão contra o mal.

É necessária uma discussão sobre este aspecto filosófico, bastante complexo, pertinente à natureza humana racional, livre, dotado de inteligência, que tem consciência do bem e do mal, já dentro de si e aquele primeiro princípio da obrigação moral e de toda pessoa tendente a fazer o bem e evitar o mal. Tudo o que se opõe a essa natureza humana, extraordinariamente, de forma a oprimir as suas tendências naturais, pode-se dizer que são violências que degradam e distanciam o homem, colocando obstáculos para atingir seu fim último.

Na verdade, o que importa analisar é que o homem não pode superar estes obstáculos, não pode, de um lado, praticar a maldade, exercitar, diríamos, a sua tendência para o mal e de outro se defender das violências externas, se não

adotar uma postura e uma atitude integral.

Isto porque o homem só atinge a finalidade última de sua existência se estiver relacionado *em três planos inseparáveis*: o primeiro é a relação do *homem com o mundo*. Vemos aqui outra dimensão da dignidade humana, quando o homem é colocado no centro do Cosmos, como ser superior da criação. O segundo plano é a relação do *homem com as pessoas*, com seu semelhante, numa relação de igualdade, de fraternidade, portanto, como irmão. E o terceiro plano é o do relacionamento sobrenatural, relacionamento superior, em que o homem supera essas barreiras e que é o *relacionamento com Deus*. É o relacionamento com um Valor Supremo, o bem Último que ordenou todas as coisas, de tal forma que o homem é colocado numa situação não de submissão ou dependência, mas se encontra na condição de filho em relação ao Criador.

Nós homens temos a liberdade; evidentemente, a liberdade é um aspecto da dignidade humana. O homem foi criado livre, um ser racional, com inteligência, com vontade para escolher livremente. Esta liberdade que o homem recebe e que é uma das grandes características de sua magnitude como pessoa humana, é a capacidade de dispor de si mesmo, de autodeterminar-se; essa liberdade implica gravemente o conceito de dignidade, por que é na violação da liberdade ou no uso excessivo da liberdade, que se cometem as grandes violências contra o homem.

Então, dentro da liberdade de praticar o bem, o homem deve revalorizar a imagem de si próprio e dos demais semelhantes. A liberdade aparece, pois, ao mesmo tempo como um dom, que recebemos de graça, mas também uma tarefa, uma atribuição, uma responsabilidade. Não se alcança essa liberdade, essa dignidade, sem uma libertação integral do homem naqueles três planos. Essa é a meta do homem. Cristo disse

várias vezes que Deus nos criou para a liberdade, para que sendo livres tenhamos vida e a tenhamos em abundância.

No primeiro plano, então, da relação do homem para consigo mesmo, repetindo o que dissemos da violência externa e da violência interna, poderemos exemplificar mais alguma coisa, como, por exemplo a saúde. Assiste-se hoje a uma preocupação muito grande das pessoas com relação ao seu corpo, não só da saúde física como também a mental. O corpo humano é outro dom preciosíssimo, algo extraordinário que laboratório algum pode fabricar e dificilmente a ciência médica, sobretudo, tem conseguido superar aquelas barreiras naturais; ela faz alguns milagres: os transplantes, por exemplo, são fatos verdadeiramente milagrosos; mas só é "milagre" porque o corpo tem um poder vital extraordinário que não está nas mãos da ciência, por mais desenvolvida que seja, mas está na própria natureza do homem.

Então, vemos que a preocupação de todos quanto à saúde, é respeitar o homem no seu corpo, respeitar o homem na sua higidez, inclusive psíquica, esses interesse dos governos independe da bondade ou da maldade de cada indivíduo; tanto pode ser o homem mais miserável que esteja praticando as maiores violências contra a sociedade, como pode ser o cidadão bem posto, bem colocado no meio social, a preocupação é a mesma. A Saúde, a Medicina, tanto trata dos bons como dos maus, assim como o sol nasce igualmente para "justos e para injustos".

Na Antigüidade, entretanto, nem sempre se dava valor ao corpo humano, sobretudo ao da mulher. É sabido que entre os Romanos, em certa época, os filhos homens eram preservados, mas as fêmeas e os mal-formados o pai decidia se eliminava ou não, lançando-os do alto da Rocha Tarpéia. Acreditavam até que as mulheres não tivessem alma e, pois não tinham dignidade nenhuma, era

considerada escrava ou coisa entre os romanos.

Foi exatamente o Cristianismo, como a história nos mostra, que modificou este conceito, fazendo com que precisamente uma mulher desse à luz o filho do Deus-Criador. Foi então uma mulher que alterou aquela cultura, quando trouxe Deus para os homens. E a mulher resgatou, no centro desta revelação, um valor de caráter extraordinário, pois já não há mais diferença entre mulher e homem. Homem e mulher são a mesma carne e todos passam a ser considerados iguais. Então, nossa preocupação com a saúde deve ser justificada, porque o corpo humano tem de ser preservado em toda sua dignidade. Há que fazer uma referência especial a respeito não só da saúde física, mas sobretudo nos dias de hoje, da saúde mental. O mau uso do corpo, como o mau uso da inteligência, da mente, é um desvalor. É evidentemente um vício, um desvio é uma violência contra a pessoa.

Temos, no caso do corpo humano, esta violência quando se pratica o aborto, não só o efetivamente praticado, como no uso de anticoncepcionais, clinicamente reprovados: pesquisas revelaram que a pílula aumenta o número de pessoa com acentuada indefinição sexual. Já antes, a indefinição dos pais: nascer ou não nascer. Pode-se falar, portanto, em violência contra aquela pessoa e depois contra a própria sociedade.

O corpo, de fato é uma verdadeira obra de arte, uma belíssima catedral. Quantas vezes não admiramos construções, templos, palácios e muitas vezes destruímos o corpo humano, tratamos o homem físico com a maior indiferença, sem o mínimo cuidado e sem a mínima correspondência a este valor.

Então, vemos o homem guiado, neste aspecto, por interesses momentâneos, passageiros, obedecendo mais às leis orgânicas do que propriamente às leis da fraternidade, às leis do respeito mútuo etc. Pois bem, quanto ao espírito vemos

a grande agressão, a violência que o homem vem sofrendo, uma escravização inconsciente através dos meios de comunicação. É um vício, qual o cigarro, a bebida, ou o tóxico, porque nos torna "mentecaptos".

É realmente uma violência progressiva contra o homem, quando, por exemplo, vemos a escolaridade cair absurdamente, em qualidade e extensão: pessoas sem escola e pessoas com escola sem conteúdo; todo um povo sendo educado, disciplinado, globalizado, através de meios de comunicação que se podem qualificar de violentos. Por serem agradáveis, coloridos, tecnicamente bem apresentados, acabam captando nossa vontade e nos condicionando, porque na hora de comprar uma simples pasta de dentes, compramos aquela cujo anúncio mais nos agradou. Todos sentimos isso em nosso íntimo, pois é realmente uma violência contra o psiquismo do homem. Nem se fale da propaganda, fale-se também da filosofia que vem inserida nos filmes, nas novelas, nos programas, nos shows de vários tipos e espécie, onde se vê uma exaltação crescente ao erotismo, ao pansexualismo, à promiscuidade; vemos aqueles valores, aqueles bens que se devem perseguir, sendo atacados, repudiados e até mesmo criticados.

Então vemos que o corpo humano em si, a pessoa humana como indivíduo, também está sofrendo este tipo de violência física e psíquica.

Quando o homem, em outro plano, ultrapassa aquela violência individual que cada um sente; quando ultrapassa seu relacionamento pessoal e se descobre dentro do mundo, como senhor do Universo, encontramos aí dois problemas interligados: a liberdade que o homem tem sobre o mundo material. Esse exercício da liberdade sobre o mundo que o cerca é que pode levar à violência, gera outras violências e acaba recaindo sobre o próprio homem. Veja-se, a propósito, os problemas ecológicos que estão ocor-

rendo. De início o homem tem esse mundo que nos cerca, que nos foi dado para ser colocado o nosso serviço, para nós o submetemos, o transformamos, o usamos pelo trabalho e pela sabedoria, de tal modo que o transformemos humanizando-o, fazendo com que também faça parte de um plano superior da própria criação. Humanizar o mundo é uma das finalidades da liberdade do homem para atingir a sua dignidade.

O mundo por si próprio não pode, sozinho, dar glória a quem o criou. Ele é um grande hino, um hino glorioso. Toda criatura, flores, animais, todas as composições da natureza são verdadeiras orações de graças a quem os criou. Mas é evidentemente uma glória material, porque o mundo não tem consciência disto. Até as estrelas quando brilham nos fazem lembrar do Criador. Mas, somente o mundo, a serviço do homem e através do homem, transformado, humanizado, é que pode dar a glória completa, a glória última, seria a glória formal, pois o mundo foi criado para o homem.

Portanto, esta é a verdadeira dignidade do homem hoje, do homem livre, não se deixar escravizar pelos bens materiais do mundo, libertar-se de qualquer escravidão pela posse das coisas da natureza, pela ocupação da natureza. E passar a um plano muito superior do relacionamento das pessoas para uma melhor utilização deste mundo.

Precisamente no plano com o irmão, com o próximo, com semelhante, aquele que foi criado exatamente igual a cada um de nós, é que o homem realiza plenamente a sua dignidade. É onde ele deve enfrentar a violência, não cometendo o mal e evitando que seja praticado, é quando o homem se encontra com seu semelhante, com os irmãos, que esta dignidade, portanto, se realiza plenamente. É no amor fraterno, no serviço mútuo, colocar-se um à disposição do outro, é a aceitação e a promoção concreta dos outros, especialmente dos mais necessitados.

Nós sabemos, temos consciência disto, é o grito da América Latina, a opção pelos pobres e pelos jovens, não que os demais não sejam objeto de atenção e preocupação, mas é que muitos têm meios e condições físicas, mentais e materiais para se defenderem da violência. Mas os indefesos e mais necessitados é que são os mais oprimidos. São aqueles que não têm condições, é a violência relativa; não têm condições de resistir ao mal, à fome, a todas as condições de injustiça, que conhecemos e não precisam ser explicitadas. É nessa participação, nesta comunhão de amor com os outros homens, nesta participação fraterna que alcançamos a dignidade melhor e superior do homem. Nas obras de justiça com os oprimidos, no plano concreto das realidades temporais, dominando, usando e transformando os bens da terra, os bens da cultura, da ciência e da técnica.

Esse sentido de justo e fraterno domínio do homem sobre o mundo é que fará com que vivamos melhor e não tenhamos os problemas ecológicos que estamos tendo. O homem poluindo os rios, destruindo florestas e tirando a possibilidade da própria natureza se multiplicar e do homem se alimentar. Vemos, então, que muitas vezes a agressão é feita em nome de outros valores e de outras ideologias que se pode também denunciar. Portanto, a atuação do homem em relação ao seu semelhante não só deve ser a nível pessoal, particular, eu em relação aos demais, mas sobretudo estruturalmente à sociedade, os grupos intermédios, as atividades sociais, todos se conscientizando e se colocando a serviço de grupos humanos.

Poderemos citar, de passagem, o problema das ideologias do mundo. Ficou conhecida na América Latina a famosa ideologia da segurança e do desenvolvimento nacional. Para alcançar a segurança das nações praticaram-se injustiças, opressões, exílios, prisões injustas, julga-

mentos sem subordinação ao Tribunal competente. Enfim, conhecemos bem isto, mas o homem não é o centro dessa segurança, o objeto é a segurança do Estado. Também no desenvolvimento nós vimos o endividamento excessivo das nações, a espoliação das reservas naturais dos países, o achatamento salarial, a diferenciação das classes no aspecto salarial, o empobrecimento dos que ganham menos, sem possibilidade de acesso a todas oportunidades que a sociedade oferece aos demais. Assistimos à desqualificação profissional, falta de escolaridade, falta, portanto de qualificação dos operários para assumirem responsabilidades no desenvolvimento. Vemos, enfim, tudo isto convergindo para as graves crises de países, subidas e descidas de governos, um após o outro, demonstrando que há uma crise interna e que a origem disto tudo está no desvio do homem para fora do centro das preocupações do governo. A autoridade social deveria visar o bem comum que implica na igualdade, na distribuição equitativa de bens e serviços, mas sua preocupação tem sido muito mais com aspectos macroeconômicos do problema global, acabando por se esquecer do próprio homem como destinatário do desenvolvimento e da segurança.

O último plano, do relacionamento do homem com seu Criador, com o obreiro desta grande obra universal, se faz num plano transcendental, do Bem absoluto. Se somos chamados a fazer o bem e evitar o mal e essa consciência está dentro de nós, nascemos com ela, temos, pois, conhecimento pleno e nítido do que é bem e do que é mal. Quem inscreveu isto dentro de nossa alma? Quem o vinculou em nossa consciência? Alguém externo a nós. Por esta via podemos chegar à compreensão da existência de um Criador, que sendo o Bem supremo inscreveu a consciência do bem dentro de nós.

Então, neste plano de confrontação vemos um Pai que nos dá a capacidade

de sermos livres até para rejeitá-lo. A dignidade humana, um dos aspectos mais eloqüentes do homem, permite que ele seja o único ser que pode contestar seu Criador. Os demais não. Então vemos que a liberdade de escolher, de se relacionar e se voltar para o Bem absoluto é um sinal — imensa responsabilidade — porque é um sinal de grandeza e de risco que está incluído na dignidade humana: a liberdade de escolher entre um bem e outro.

Na Encíclica “Deus rico em misericórdia”, de João Paulo II, temos a conhecida parábola do filho pródigo e todos nós, mais ou menos a vivenciamos. Mas, devemos reler esta Encíclica, porque aborda um aspecto da violência.

Explicar a parábola, que o filho recebeu sua parte, igual a todo herdeiro que recebe sua herança numa partilha, um aspecto da justiça distributiva. Saiu ele pelo mundo, gastou tudo e acabou pobre e faminto. Caiu na realidade: “não tenho mais herança, mas posso voltar à casa de meu pai e trabalhar como seu empregado”. Todo pai faria isso, seria até comum vermos isso no mundo de hoje, o filho que sai, volta e tudo bem, agora você vai trabalhar para ganhar a vida. Do ponto de vista humano, da justiça humana, é o que acontece, é assim que o mundo age; mas na parábola, quando o filho volta, de mãos vazias, maltrapilho, esfarrapado, sem bens, o pai o recebe e o eleva imediatamente à dignidade anterior, de filho.

Deus não tem o mesmo critério de justiça que os homens; ele tem um critério muito superior, que falta nos dias de hoje para neutralizar a violência. É o critério da misericórdia, o amor-misericórdia, em que apesar de todo os erros, de todos os crimes, e males, se o homem imediatamente se voltasse para o Pai, se se voltasse para o seu criador, se sentisse na consciência que realmente esbanjou toda a riqueza que recebeu com a vida, seria de imediato alçado à condição

primitiva de filho do criador, recuperando sua dignidade integral, intrínseca da pessoa humana.

Por oportuno, lembramos que foram muitos os profetas da não violência no mundo: Jeremias, Isaías; e em dias mais próximos a nós, a figura extraordinária, do Mahatma Gandhi, que fez a independência da Índia sem derramamento de sangue; relendo sua biografia aprendemos que quando as crises políticas pareciam incontornáveis, ele começa uma violência contra si próprio, se atirando no jejum por 21 dias, a ponto de perder as forças e depois tudo recomeçava, os homens entendiam o mistério e o valor daquele sacrifício e se alcançava a trégua. Assim foi que conseguiu a liberdade para o povo indiano.

Falando depois da 1.^a Guerra Mundial, a respeito do famoso conjunto de 14 pontos para a reconstrução da Europa e para evitar novas guerras, de autoria do Presidente Wilson, dos Estados Unidos, o Mahatma escreveu:

“O Presidente Wilson mencionou os seus belos quatorze pontos, mas disse: ‘Afinal, se este esforço nosso para atingir a paz vier a fracassar, temos nossas armas para recorrer de novo a elas.’

Quero inverter essa posição e dizer — Nosso armamento já fracassou. Vamos procurar algo novo, experimentemos a força do amor e de Deus, que é a Verdade. Quando tivermos essa força, nenhum outro recurso será necessário.”

Santo Agostinho, vivendo no Século V, diante das violentas invasões bárbaras, também gritou: “Os tempos são maus! Os tempos são ingratos! eis o que dizem os homens. Vivamos bem e os tempos serão bons. Nós somos os tempos; quais formos nós, tais serão os tempos!”.

Mais adiante completa: Vêde os bons que haveis de imitar. Sede bons e encontrareis os bons. Se, porém, fordes maus, julgareis que todos são maus. E é mentira. Enganar-vos-eis. Sede bons e

o bem não vos ficará oculto. O semelhante acontece ao semelhante!”.

Portanto, o Homem é maior e mais forte que os tempos maus. Trazemos todos, dentro de nós mesmos, a força regeneradora dos tempos. Essa força nos é superior, é a força que nos torna bons, e sendo bons produzamos tempos bons, porque boas nossas ações.

“Devemos dizer e reafirmar que a violência não é nem cristã nem evangélica e que as transformações bruscas e violentas das estruturas serão enganosas, ineficazes em si mesmas e certamente não conforme com a dignidade do povo” (Paulo VI, discurso em Bogotá, 23.8.68). Com efeito estamos conscientes de que “as melhores estruturas e os sistemas mais idealizados logo se tornam desumanos se as inclinações do homem não forem sanadas, se não houver a conversão do coração e da mente

por parte daqueles que vivem nessas estruturas ou as dirigem” (EN 36). (*“Evangelificação no Presente e no Futuro da América Latina”* — Conclusões da III Conferência-Geral do Episcopado Latino Americano — Puebla de Los Angeles, México, 27.1 a 13.2.79, n. 534).

Não esperemos que a violência cesse por si própria; antes, comecemos por respeitar o homem, evitando qualquer tipo de opressão e o bem irromperá, conclamando os violentos ao diálogo e consenso.

A história da humanidade é uma caminhada que supõe lacunas de violência, pois o mal sempre estará presente com o bem; mas o mal permite o despertar das consciências, nos convoca a redimir os maus tempos, mediante o exercício gratuito da não violência, mais que o simples uso da Justiça.